

NUCA

Fernando Roussado

Perscrutar.

/ PT

Examinar,
investigar
rigorosamente,
indagar,
perquirir.
Tentar
conhecer,
procurar
penetrar no
segredo
das coisas.

Houvesse apenas uma palavra para definir os trabalhos de FERNANDO ROUSSADO, nesta sua mais recente exposição, provavelmente seria o verbo '*perscrutar*'. Não é, sequer, uma palavra fácil de pronunciar, pelo que foi pensada, escrita e logo aqui apresentada. Quantas outras palavras não são assim? Simplesmente há um momento em que se sabe onde e como aplicá-las. A palavra *perscrutar* surgiu para reflectir sobre estas obras de Fernando Roussado. Perscrutar envolve escrutínio, tentativa de conhecimento profundo de algo sobre o qual não se consegue abdicar. Minúcia. *Procurar penetrar no segredo das coisas.*

Olhe-se, então, a exposição. Fernando Roussado apresenta três peças escultóricas, duas talhadas em pedra, uma em madeira. Três peças de enorme requinte e elaboração. E as três encerram em si todo um universo de perscrutação. Não apenas pelo nível de detalhe e mestria técnica que obrigaram o artista a ir ao âmago do que realizava, mas também pela exímia tarefa e o tempo que levou a completá-la. Talhar peças a partir de blocos únicos de matéria. Perceber o que cada um encerra, como evidenciar as formas, traduzir diferentes volumetrias, saber quando parar. A execução destas peças envolveu vários tipos de fôlego, de silêncios e diferentes cadências. Afastamentos e aproximações.

Não é por acaso que o artista intitulou a exposição de *Nuca*. A nuca é uma das regiões da nossa anatomia à qual não temos acesso visual directo. Precisamos de um espelho reflectido num outro espelho para a ver. É mediada. Conseguimos tocá-la, medi-la através do nosso palmo, mas não a vemos. Vamos aprendendo a reconhecê-la, a sua apreensão não é imediata.

É a nuca que faz a ligação entre a nossa cabeça, o nosso cérebro e consciência, e o restante corpo. E estas três peças são como três viagens distintas às nossas nuca. Exploram partes do corpo, procuram medições, evidenciam a escala humana. Celebram o que de mais humano temos — nós mesmos, em carne e osso. Mas sempre com esta possibilidade de mergulho no escuro a uma zona a que não temos acesso, de perscrutação de regiões de nós mesmos que pouco ou nada conhecemos.

» Fernando «

A peça *Fernando* (2016), uma caixa torácica esculpida em pedra, expõe essa premissa. Como é que se representa uma caixa torácica *per se*? Isolada do restante corpo, do seu lugar anatómico, como a percebemos? Reconhecemos-lhe a escala, as costelas, a armadura que protege os órgãos vitais. Mas o que foi representado pelo artista foi apenas a armadura oca. Não protege nada, o seu interior é vazio. Tem uma camada enganosa de pele por cima dos ossos. Aquele tipo de pregas da pele de quem poderia estar faminto.

A peça chama-se *Fernando*, tal como o artista, e é esculpida recorrendo a apenas um único bloco de mármore rosa de Estremoz, uma escolha que lhe pareceu evidente por ter a mesma tonalidade que a sua pele. O artista, querendo

representar um tórax que expusesse magreza, pele e osso, percebeu que, ao colocar-se no lugar de um outro, era inevitável colocar-se ele próprio nesse referente, sentindo assim a secura da *pele e osso* proveniente da fome. Esta é uma das questões que estas peças da exposição *Nuca* nos colocam. Só sentimos a nossa própria corporeidade. Por isso, representar um corpo não é, também, representar-nos a nós mesmos? Não utilizamos a nossa mão, o nosso palmo, como unidade de medição? Não é esse sistema de relações, entre nós e o que nos rodeia, o princípio da escala?

» Gana «

A questão da escala — da mensura do espaço mediada pelo corpo humano — está particularmente presente na peça *Gana* (2015). *Gana*, de *real gana*, é um esqueleto talhado num único bloco de madeira. Ao começar a subtrair matéria, Fernando Roussado apercebeu-se de que o bloco de madeira tinha uma praga, e foi limitando o seu trabalho, desviando-se da matéria afectada. Este esqueleto é o arquétipo da composição escultórica clássica. Reproduzir o corpo humano com a maior fidelidade possível, utilizando o crânio como unidade de medida para construir o restante corpo. Neste caso, o artista aplicou o *contraposto clássico*, em que uma das ancas está elevada em relação à outra, para conferir uma certa naturalidade à pose.

Representar um modelo humano é um dos primordiais exercícios no ensino de Escultura, um facto curioso, se considerarmos que Fernando Roussado realizou este(s) trabalho(s) enquanto leccionava também a disciplina de Modelos na Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa. No entanto, ao contrário do exercício académico, em

que se usa barro ou gesso (e se cria um molde para posteriormente enchê-lo com um material mais resistente), o artista optou por recorrer à madeira e subtraí-la. Tornou este esqueleto cada vez mais frágil e perecível, como uma oposição matéria ao que é o real dos ossos, tão resistentes que perduram após a morte e a degradação dos tecidos moles do corpo.

O artista apresenta esta peça utilizando um foco de luz que permite projectar uma sombra do objecto que ultrapassa a sua própria escala. *Gana* é, assim, o objecto reduzido, detalhado, esculpido e finalizado à mão, como uma filigrana, que revela a sua escala real a partir da projecção da sua sombra. Engrandece-se e ocupa espaço, tornando-se superior à sua própria matriz, mas apenas em imagem.

» S/ Título «

A última das obras, *S/ Título* (2018), é talvez a mais subtil, a que mais incentiva a mergulhar no desconhecido de regiões nossas. Foi criada a partir de um bloco de mármore alentejano raro, malhado em tons cinza claro e antracite. O bloco foi cortado em paralelepípedo e é bastante mais talhado do que aparenta. Esta é uma peça que exige um tempo de observação moroso e atento. No centro, camuflado entre manchas escuras e claras, descortina-se um volume. É um crânio visto de costas, a região da nuca, a tal zona que não costumamos ver de nós mesmos e que, aqui, é observável. É uma peça concretizada a partir de um único volume de pedra, demorando a perceber-se que a envolvente do crânio esculpido foi retirada em grandes quantidades para o fazer sobressair.

O crânio tem a escala natural, mas a pedra malhada dificulta, numa primeira instância, a leitura dos seus detalhes. O exímio amaciado da pedra, o nível de minúcia na representação da curvatura do crânio e o remate da nuca, a aproximação à primeira das vértebras cervicais, o Atlas.

Esta é a mais completa das viagens à nossa nuca. Mergulhar na confusão das manchas para chegarmos à nossa geografia antes desconhecida. Mergulhar no que flutua nesta pedra malhada e penetrar no segredo que é um crânio — o que está ali representado e o nosso também.

A exposição *Nuca*, de Fernando Roussado, é revelatória em diversos sentidos. É um artista que consegue adivinhar a eminência do que está prestes a ser posto a descoberto. O que encontra o material, o observa, lhe vê uma forma ainda antes desta ser revelada. E esta observação minuciosa, que é mais uma pulsação intrínseca, é daqueles mistérios que sempre ouvimos falar sobre os grandes escultores clássicos. O que nos leva a considerar que, num ritmo acelerado que é o da arte contemporânea, a lentidão da observação da matéria e posterior talhe directo na concretização das formas, é um valor em si, a ter em conta claro, mas, principalmente, que merece ser celebrado. E por isso, três peças, três esculturas tão detalhadas e tão humanas, são e serão sempre mais que suficientes. A arte é uma acção humana, e nós a escala à qual ela se apresenta.

Luísa Salvador
Lisboa, Agosto 2019



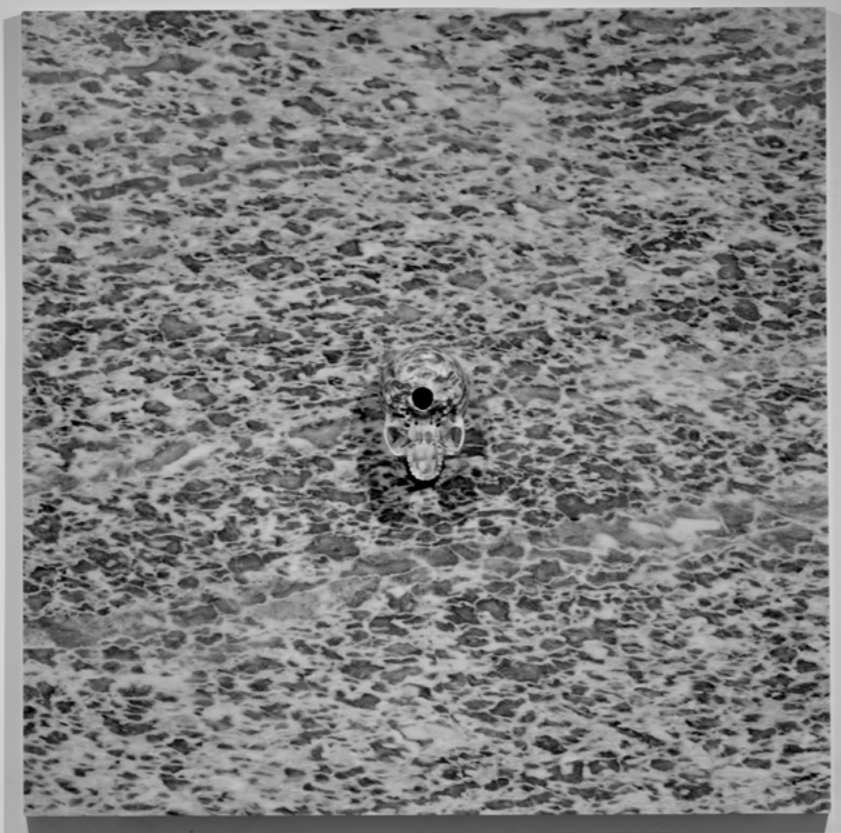
Fernando
Mármore / *Marble*
42 x 32 x 23 cm
2016





Gana
Madeira / Wood
64 x 14 x 14 cm
2015







S/ título
Mármore / *Marble*
138 x 138 x 26 cm
2018





To examine,
rigorously
investigate,
to inquire.
Try to know,
seek to
penetrate
into
the secret
of things.

If there was to be only one word to define FERNANDO ROUSSADO's works in his most recent exhibition, it would probably be the Portuguese verb '*perscrutar*'. It is not even an easy word to pronounce, so it was thought, written and then presented here. How many other words are like this? There is simply a time when we know where and how to apply them. The word '*perscrutar*' came to reflect upon these works by Fernando Roussado. '*Perscrutar*' involves scrutiny, an attempt to go deep into the knowledge of something that one cannot abdicate from. Minutia. *Seeking to penetrate into the secret of things.*

Let's take a look at the exhibition — Fernando Roussado presents three sculptural pieces, two carved in stone, one in wood. Three pieces of great refinement and elaboration. And the three carry within themselves a whole universe of '*perscrutação*'. Not only due to their level of detail and technical mastery that forced the artist to get into the core of it, but also for the excellency of the task and the time required to complete it. Carving pieces out of single blocks of matter. Understanding what each contains, how to highlight these shapes, translating different volumes, knowing when to stop. The execution of these pieces involved different types of breaths, of silences and distinct cadences. Stepping away from the work, and getting back to it.

[1] *Perscrutar* in Portuguese is to seek thoroughly

It is no coincidence that the artist titled the exhibition as *Nuca*². The nape of the neck is an area of our anatomy we don't have direct visual access to. We need a mirror reflected in another mirror to see it. It is mediated. We can touch it, measure it using the palm of our hand, but we cannot see it. We learn how to recognize it, but its apprehension is not immediate.

It is the nape that connects our head, our brain and consciousness, with the rest of the body. And these three pieces are like three separate trips to our napes. They explore body parts, seek measurements, highlight the human scale. They celebrate the most human we possess — ourselves, in flesh and blood. But always with this possibility of plunging into an area that we do not have access to, exploring regions of ourselves that we know little or nothing about.

» Fernando «

The work *Fernando* (2016), a rib cage carved in stone, presents this premise. How can a rib cage be represented? Isolated from the rest of the body, from its anatomical place, how do we perceive it? We recognize its scale, the ribs, the casing that protects the vital organs. But what was represented by the artist was only a hollow armour. It protects nothing, its interior is empty. It has a misleading layer of skin over the bones. The kind of skin folds possessed by someone who might be famished.

The piece is called *Fernando*, like the artist, and is carved from a single block of pink marble from Estremoz, a choice that seemed to be evident since it had the exact same hue as his own skin. Wanting to represent a thorax that exposed thinness, skin and bones, the

artist realized that, by putting himself in other's shoes, he would inevitably be placed in the same referent, therefore also feeling the body dryness resultant from starvation. This is one of the issues raised by these pieces of the *Nuca* exhibition. We only feel our own corporeality. Thus, is not representing a body also representing ourselves? Don't we use our own hand, our palm, as a unit of measurement? Isn't this system of relations between us and our surroundings, the principle of scale?

» Gana «

The question of scale — the measurement of space mediated by the human body — is particularly present in the work *Gana* (2015). *Gana*, from the Portuguese expression '*real gana*', is a skeleton carved from a single block of wood. As he began to subtract matter, Fernando Roussado realized that the block of wood had a plague, and limited his work by deviating from the contaminated matter. This skeleton is the archetype of classical sculptural composition. To represent the human body as accurately as possible, using the skull as a unit of measure to compose the rest of the body. In this case, the artist applied the classic *contraposto* in which one of the hips is positioned higher than the other, giving the pose a lifelike feature.

To represent a human model is one of the primary exercises in Sculpture teaching, a curious fact, when considered that Fernando Roussado did these works while also teaching Models at Faculty of Fine Arts, University of Lisbon. However, unlike the academic exercise in which clay or plaster are used (and a cast created to later be filled with a

[2] *Nuca* in Portuguese is the nape of the neck

sturdier material), the artist chose to resort to wood and subtract it. He made this skeleton more fragile and perishable, as a material opposition to real bones, so resistant that they last even after death and beyond the degradation of the body's soft tissues.

The artist presents this piece using a spotlight that allows casting a shadow of the object that transcends its own scale. *Gana* is thus a reduced-size, detailed, carved and hand-finished object, like a filigree, which reveals its true scale in the shadow projected. It becomes bigger and occupies space, transcends its own matrix, but only in image.

» S/ Título «

The last work, *S/ Título* (2018), is perhaps the most subtle of all, the one that encourages the most to plunge into the unknown of our body zones. It was created from a rare Alentejo marble block, mottled in light grey and anthracite tones. The block has been cut into a parallelepiped and the piece is a lot more carved than it seems. This is a piece that requires thorough and attentive observation. In the centre, camouflaged between dark and light spots, a volume unveils. It is a skull seen from the back, the nape of the neck, the one we usually don't see and that here is observable. It is a piece made of a single block of stone, and it takes time to realize that the matter surrounding the carved skull was removed in large quantities to make it stand out.

The skull is in full-scale, but the mottled stone makes it difficult, at first, to perceive its details. The flawless honed stone, the level of precision of the skull's curvature and the neck seam, the approach to the first cervical vertebra, the Atlas.

This is the most complete of journeys to the nape of our neck. Plunging into the stains' confusion to reach our previously unknown geography. Diving into what floats in this mottled stone and penetrate the secret of what a skull is — the one represented and ours as well.

Fernando Roussado's *Nuca* exhibition is revealing in many ways. He is an artist that can guess the eminence of what is about to be discovered. One that finds the material, observes it, sees in it a shape even before it is revealed. And this thorough observation, which is more of an intrinsic pulse, is one of those mysteries we always heard about the great classical sculptors. Which leads us to consider that, at the fast pace of contemporary art, the slowness of this observation of matter, and the subsequent direct carving for the exposure of these forms, is a value in itself, one that should be taken into consideration, but, above all, that deserves to be celebrated. And so three pieces, three sculptures so detailed and so human, are and will always be more than enough. Art is a human action, and we the scale to which it presents itself.

Luísa Salvador
Lisbon, August 2019

This publication was produced by the occasion of the exhibition *Nuca* by Fernando Roussado, with the production of Galeria Bessa Pereira, held between September 5th and 28th of 2019 at Fundação Portuguesa das Comunicações, Lisbon.

Texto / Text

Luísa Salvador

Revisão por / Revised by

Mariana Salvador
Miguel Nunes

Tiragem / Print run

150

Fotografia / Photography

Pedro Guimarães

Design gráfico / Graphic design

Elisa Schmid

Produção / Production

GALERIA BESSA PEREIRA

Agradecimentos / Acknowledgments

Fundação Portuguesa
das Comunicações
Carlos Bessa Pereira
Carlos Silva
Pedro Guimarães
Elisa Schmid
Luísa Salvador
Rui Órfão
Luís Mestre
Paulo Faria
Sérgio Fernandes
Filipe Andrade
Joana Durães
Mariana Veloso
Sara Bichão
Ana Rebordão
Ana Rocha
Guillaume Vieira
Ivo Caselhas

